

# A Saúde Mental no Brasil

## *The Mental Health in Brazil*

**Rogério Robbe Quintella**

Implicada com a produção do conhecimento e a diversidade no campo da Psicologia, a Revista ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade, abre seu sexto Volume apresentando o primeiro de dois Dossiês que abordarão a árdua e necessária discussão que hoje se inscreve no âmbito da Saúde Mental. Este campo merece constante reflexão crítica quando nos deparamos com as necessidades de se implementar um programa que verdadeiramente se oponha ao modelo manicomial hospitalocêntrico, mediante as diversas propostas de recomposição epistemológica, clínica e sócio-política sobre o tema da loucura, da cidadania, dos direitos humanos e da liberdade em nossa sociedade.

Michel Foucault (2005 [1973-1974]) nos dizia que, no campo da psiquiatria, a loucura nunca foi dominada, mas apenas o louco. Tal dominação se acha subsumida à forma com que, até os dias de hoje, conjura-se o louco à figura da desrazão sustentada, desde o século XVII, pelo projeto cartesiano da dúvida e, na esteira das revoluções liberais, pelo projeto cientificista. Até que ponto escapamos desta lógica? Não caberia pensar que a exclusão social do louco, imputada à suposta impossibilidade de acesso à verdade em suas ressonâncias cartesianas e cientificistas, nos atinge hoje, quando nos deparamos com modelos reacionários e barreiras permanentes nos serviços atuais de saúde mental? Esta é uma questão que, segundo nossa concepção, deve estar presente na prática cotidiana dos profissionais de saúde mental, em suas ações e em sua militância. Eis aí uma das tentativas de contribuir para o debate sobre esse assunto, mediante a escolha deste tema para o ano de 2016.

A Revista ECOS reservará, assim, dois números para esta temática em 2016 propondo contribuir para o fortalecimento da Luta Antimanicomial, cujo processo encontra permanentemente grandes desafios a serem superados. Nosso objetivo aqui é o de permitir que diversas modalidades de pesquisa e experiência neste campo possam se transformar em publicações que contribuam para o estudo, o debate e a atualização das questões que envolvem a Saúde Mental no Brasil de hoje.

Nosso Dossiê se inicia com o artigo *Centro de Convivência e Cultura: diálogos sobre autonomia e convivência*. Ali, as autoras Patrícia Estevez Alvarez, Jessika Oliveira da Silva, Ana Caroline de Moraes Oliveira abordam a questão da autonomia por parte de usuários da Rede de Atenção Psicossocial, a partir de experiências num Centro de Convivência e Cultura. O artigo demonstra de maneira inovadora que a força de um Centro de Convivência está em ocupar os espaços públicos da cidade, diferenciando-se de outros serviços da RAPS.

Pedro Gabriel Delgado e Marcela Carvalho sequenciam a apresentação deste número, problematizando o acesso ao tratamento em saúde mental na cidade de Itajubá/MG. Mapeando esta microrregião, os autores discorrem sobre os principais facilitadores e barreiras para o acesso à Rede. Como

**Rogério Robbe Quintella**

**Universidade Federal Fluminense**

Professor Adjunto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Editor-executivo da Revista ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

[rrquintella@hotmail.com](mailto:rrquintella@hotmail.com)

maior facilitador aparece a atuação da Estratégia de Saúde da Família, e como barreira os autores apontam a falta de intervenção efetiva da gestão pública. Com esta importante contribuição, o artigo faz uma análise sobre os programas de saúde mental e as reais condições de acesso a esses programas, demonstrando haver ali uma disparidade entre projetos e realizações propriamente ditas. Isto serve, sem dúvida, para pensarmos o papel tanto da prática em saúde mental quanto da militância pela melhoria dos serviços.

Na sequência, apresentamos uma análise realizada por Livia Botelho Félix e Maria de Fátima de Souza Santos na cidade de Recife (PE) sobre a RAPS infantojuvenil. O artigo *Infância e Atenção Psicossocial* trata de uma análise crítica mediante pesquisa de caráter qualitativo sobre as barreiras de acesso à saúde, educação e assistência.

Novos desafios são também abordados por Paula Carolina Mariano Furlan e Roberto MacFadden acerca da chamada "recusa do usuário" em Centros de Atenção Psicossocial. Os autores do texto *Equipe frente à recusa do usuário: perspectivas de tratamento CAPS* discutem sobre a relação recusa - negociação, abordando os problemas que envolvem a não adesão de usuários ao tratamento nos CAPS. Vale a pena conferir.

Baseada na ideia de clínica peripatética, de cunho psicanalítico, Mariana Desenzi Silva discute sobre o cuidado em Saúde Mental, mediante a experiência da própria pesquisadora em Centro de Atenção Psicossocial no texto *O cuidado na Saúde Pública: potencialidades de uma clínica em movimento*. A autora coloca em cena uma forma de cuidado para além de um modelo individualizado de atenção.

Também num viés psicanalítico, o artigo *Possibilidades de abordagem de casos crônicos em saúde mental* de Diego Alonso Soares Dias e Oswaldo França Neto situa especificidades relativas a casos que se mostram refratários a variadas tentativas de intervenções, concebidos como casos crônicos. Esta discussão abre uma problematização acerca do que se entende como caso crônico, colocando em destaque o que escapa a um discurso, em termos ideológicos ou ideais. A dificuldade de se abordar o particular e o singular nesses casos é o tema central deste debate, instigantemente traçado pelos autores deste artigo.

O artigo seguinte, *Política Brasileira sobre Drogas: Segregação e Clínica em Mato Grosso*, de Daniela Santos Bezerra e Vinicius Anciães Darriba, de cunho bastante problematizador, traça uma importante abordagem sobre a questão do uso de drogas e da resposta que a sociedade capitalista dá a esta questão. Partindo de um viés psicanalítico sobre a questão da toxicomania, os autores relatam uma rica experiência na RAPS do estado de Mato Grosso, questionando o padrão moral, travestido de cientificismo, na prática da internação. Os autores se interrogam se o que está em jogo na internação não seria a produção de pequenos campos de concentração urbanos para responder àquilo que atrapalha a marcha do capitalismo. Para isso, se utilizam da referência de J. Lacan sobre discurso e segregação. O artigo defende a sustentação política de um espaço clínico que protagonize o sujeito do inconsciente e possibilite a operação do lugar do analista.

Também no viés do uso de drogas, o texto *Navegar é preciso, viver é (im)preciso* de Vivian Andrade Araújo Coelho, Alexandre Costa-Val, Rosimeire Aparecida da Silva e Cristiane de Freitas Cunha discute sobre as práticas atuais em Saúde Mental, especialmente os consultórios de rua no Município de Belo Horizonte (MG) para refletir sobre os efeitos dessa prática na sociedade a partir de uma perspectiva psicanalítica. Sem dúvida trata-se de uma importante contribuição para dar continuidade a práticas no território e para o combate ao hospitalocentrismo.

Para encerrar este primeiro Dossiê, apresentamos o artigo *Saúde mental em rede: uma análise de território*. A partir da pesquisa rigorosa

realizada por Fernanda Gomes Vasconcelos e Charmênia Maria Braga Cartaxo em Recife (PE), este artigo trata de demonstrar que ainda predomina o paradigma de cuidado biomédico no uso da emergência para a contenção e acesso a medicamentos, aliado a escassez de serviços de saúde de atendimento integral no território e a dificuldade de intervenções da atenção primária. Isto é, sem dúvida, um dos indicativos de que a Reforma Psiquiátrica no Brasil atravessa hoje importantes barreiras que a colocam sob o risco do retrocesso, à medida que os serviços de saúde mental encontram imensas dificuldades de atingir seu objetivo, qual seja, o de devolver o poder de cidadania aos sujeitos com transtornos mentais.

Procuramos aqui englobar aspectos múltiplos trabalhados em diversos Estados do país, de forma a sustentar e fomentar a luta pela reconstrução da potência à cidadania, à criação e à singularidade. Esta não é tarefa simples, especialmente no território nacional em que as políticas contra-reformistas e manicomialistas ganham força ante a precariedade do investimento público sobre a saúde como um todo. Acreditamos que a produção de dossiês sobre esta árdua temática possa contribuir na micropolítica da luta cotidiana pela quebra do modelo biomédico que relegou à loucura o status cartesiano clássico do erro e da desrazão, marcas primárias de toda lógica excludente que incidiu sobre a loucura na história até os dias atuais.

Apresentados os artigos do nosso dossiê *A Saúde Mental no Brasil*, passaremos agora aos artigos de Fluxo Contínuo, espaço que a Revista ECOS destina para a difusão do conhecimento em Psicologia e sua diversidade.

Suzana Rozendo Bortoli, Adriano Rozendo convidam-nos a pensar a relação entre discursos diversos sobre a operação "Choque de Ordem" na cidade do Rio de Janeiro. Os autores demonstram mediante o texto *Gestão de populações de rua na contemporaneidade: o Choque de Ordem no Rio de Janeiro e a mídia* que a visão jornalística está em consonância com o discurso político, enquanto as mulheres e os profissionais especializados se alinham do lado contrário do discurso oficial. Trata-se de um texto crítico que aborda as ações higienistas intrínsecas às políticas públicas no Brasil de hoje especialmente na cidade do Rio.

Em *Ergonomia da Atividade, Clínica Psicodinâmica do Trabalho e Riscos Psicossociais* Simone Maria Moura Mesquita, Carolina Martins dos Santos, Lúcio de Souza Machado, Lila de Fátima de Carvalho Ramos e Kátia Barbosa Macêdo trazem novas avaliações sobre os riscos psicossociais do trabalho. Este estudo visa, como apontam as próprias autoras, ampliar as chances de transformação das organizações do trabalho para que a saúde do trabalhador seja beneficiada.

Na sequência apresentamos o artigo *Influência das redes sociais no aprendizado*. O trabalho aborda a integração do uso da tecnologia com a aprendizagem como uma mudança na forma de estudar. Em termos de subjetividade, as mídias sociais passaram a assumir um lugar novo na vida educacional que deve ser levado em consideração segundo os autores.

Como último artigo da sessão de fluxo contínuo, apresentamos o texto de Lúcia Helena Vendrusculo Possari e Thiago Kchimel de Moura: *Comunicação e Cibercultura: agir sobre a vida com práticas mágicas online*. Este artigo instiga nossa reflexão sobre a relação do humano com o sagrado na solução de problemas, e como a cibercultura participa hoje diretamente desta relação. É interessante a análise feita pelos autores sobre formas contemporâneas de apelo ao sagrado mediante a interação comunicacional da chamada cibercultura.

O número atual se encerra com a Resenha de Guilherme Augusto Souza Prado sobre o livro *Feliz para sempre? Uma análise dos efeitos do uso a longo prazo de antidepressivos*. A Resenha apresenta o livro sob a perspectiva da massiva medicalização da depressão. Vale a pena visitar a Resenha para

conhecer um pouco sobre esta obra de importante penetração atual no universo do sofrimento subjetivo humano.

Esperamos um bom encontro dos leitores com este número, que é fruto de um desejo por militância aliado ao investimento constante na produção do conhecimento e da reflexão teórico-prática em torno de nossas ações profissionais. Fica aqui o convite à leitura, tendo-se como horizonte a ideia de que os textos aqui publicados possam embasar novas formas de pensar o cotidiano das práticas em Saúde Mental.

Boa leitura!

Rogério Quintella

### **Referências bibliográficas**

FOUCAULT, M. **El poder psiquiátrico. Curso en el Colege de France** (1973-1974). Buenos Aires: Fundo de Cultura Economica de Argentina, 2005.